

A TÓPICA DO AMOR E GUERRA NOS FRAGMENTOS DOS ROMANCES ANTIGOS

EL TEMA DEL AMOR Y LA GUERRA EN LOS FRAGMENTOS DE LAS NOVELAS ANTIGUAS

CERDAS, Emerson
Faculdade de Ciências e Letras, Unesp/FCLAr
Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas

O amor é um elemento fundamental na estrutura temática do romance grego antigo, e tal vinculação com o mundo de Eros está presente, inclusive, em algumas das poucas observações que os próprios escritores e críticos da Antiguidade fizeram a respeito do gênero¹. Ainda que, conforme Brandão (2005), a *Týche* surja como mola fundamental da ação romance, pois é graças ao acaso que a série de peripécias narrativas acontece, é na experiência amorosa que as narrativas se fundam, estando na base de seu enredo, razoavelmente convencional: um jovem casal, de excelsa beleza física e moral, se apaixona, é separado por contingências do acaso e levados a uma série de aventuras e infortúnios, para se reencontrarem em um final feliz.

Tal estrutura de enredo é nos conhecida a partir da existência de cinco exemplares integrais do gênero que, com maior ou menor variedade, parecem seguir tal percurso narrativo². Das várias narrativas que conhecemos apenas fragmentariamente, nossas conjecturas partem da comparação com esses romances, a fim de tentar compreender de que modo estas narrativas, fragmentárias para nós, se aproximam ou divergem do gênero tal qual nos é conhecido hoje. Neste sentido, o objetivo desta apresentação é analisar os fragmentos de dois romances gregos, *Nino* e *Sesoncôsis*, tendo em vista enfatizar aspectos do mundo erótico presente neles, e como estes dialogam com o *Conto de Panteia*, história narrada na *Ciropedia* de Xenofonte e tida, por alguns críticos, como modelar para os romancistas antigos³.

David Konstan, em seu livro *Sexual Symmetry: Love in the Ancient Novel and related genres* (1994), argumenta que o romance grego apresenta como novidade na

¹ Na Antiguidade não havia um termo específico para definir o gênero. O narrador do romance *Quéreas e Calíroo*, por exemplo, chama a sua história de *páthos erotikón*, ressaltando o elemento erótico como fundamental para o enredo. Sobre a terminologia do romance antigo, cf. Goldhill (2008); Brandão (2005).

² Trata-se dos romances *Quéreas e Calíroo* de Cáriton; *Antía e Habracomes* de Xenofonte de Éfeso; *Leucipe e Clitofonte* de Aquiles Tácio; *Teágenes e Claricleia* de Heliodoro; e *Dáfnis e Cloé* de Longo. Para uma introdução ao romance antigo, cf. Hägg (1991).

³ Cf. Holzberg (2003); Gera (1993); Cerdas (2011);

literatura antiga a presença de um casal amoroso *simétrico*, pois os protagonistas apresentam estado físico, mental e social equivalentes, além de serem atingidos de modo igual pelo *eros*. Segundo autor, enquanto nos diversos gêneros literários da Antigüidade, por ele analisados, há um estado de assimetria em que um *erastés* se coloca numa posição de superioridade sobre um *erômenos* ou uma *erômene*, no romance os dois jovens são colocados em um estado de igualdade entre si, uma vez que são apresentados como indivíduos de uma mesma faixa etária, classe social, elegíveis para o casamento e, principalmente, ambos estão apaixonados um pelo outro e, por isso, não são discriminados como parceiros ativos e passivos (KONSTAN, 1994, p.7). O resultado desta manifestação, então, seria a presença de uma passividade maior da figura masculina e um maior ativismo da figura feminina, estabelecendo, assim, a simetria amorosa desejada. Se tomarmos estas reflexões como marco da representação social do amor na literatura como essencial para a configuração temática do gênero, parece-nos ser esta uma chave de leitura interessante para abordarmos os fragmentos dos romances *Nino* e *Sesoncôsis*.

A descoberta de papiros, onde se encontram os fragmentos novelescos, começou em 1896 com a publicação dos fragmentos de *Nino*. Para vários estudiosos, *Nino* e *Sesoncôsis*, juntamente com *Metíoco e Parténope* e *Quéreas e Calíroe*, são romances da primeira fase do gênero na Antigüidade (Stephens y Winkler, 1995, p.80), e tal hipótese se deve ao fato de estas histórias ficcionais se ancorarem e se emoldurarem em eventos históricos. Segundo Mendoza (2002, p.365), a descoberta desses fragmentos

[...] veio confirmar a ideia de que os primeiros romances eram do tipo histórico, e que, portanto, o gênero procede, por um lado, diretamente da *Ciropedia* e, por outro, das biografias helenísticas. Os autores tomariam seus personagens e suas tramas dos historiadores gregos e das lendas e sagas de personagens histórico-lendários do Egito e do Oriente próximo (Mendoza, 2002, p.365)

Há que se ressaltar, no entanto, que, apesar de essas narrativas estarem, em alguma medida, relacionadas com o passado histórico, este é apenas um pano de fundo em que se transcorre a ação do romance. Isso significa que, diferentemente do chamado romance histórico moderno, em que, conforme Lúkacs (2011), o romancista busca recriar a situação social e política do tempo passado, descrevendo os condicionamentos psicológicos da época, nestas obras da Antigüidade, embora os eventos transcorram em um tempo passado é a sociedade do presente do autor e do leitor que está sendo descrita, com seus valores éticos, morais e sociais. Assim, independentemente de configurarem

ou não romances da fase inicial do gênero, e do quanto isto pode implicar para a pesquisa de poética histórica, neste grupo de narrativas percebe-se que os autores se aproveitaram das brechas e lacunas da história, mas não é dela que se fala.

Nino e Sesoncôsis, personagens principais dos romances com seus respectivos nomes, são figuras históricas e lendárias, cuja fama era reconhecida pelos leitores do romance. Neste sentido, são personagens que se assemelham ao persa Ciro, e, por isso, acreditamos que o tema amoroso, nestes romances, deve ser analisado e compreendido como um espelho ao que é apresentado na obra de Xenofonte de Atenas.

Na *Ciropedia*, o tema amoroso aparece, como eixo temático primordial, apenas no *Conto de Panteia*⁴, narrativa secundária em que atuam personagens claramente ficcionais, em contato com o histórico Ciro. Ainda que o foco da história esteja no casal Panteia e Abradatas, que espelham o par amoroso do romance antigo, pela beleza física e virtudes morais, para este artigo nos interessa especificamente o papel de Ciro neste ambiente erótico, por conta da já mencionada semelhança entre Ciro, rei da Pérsia, e Nino e Sesoncôsis, enquanto figuras lendárias e históricas.

Depois da primeira aparição de Panteia, entre a Ciro como espólio, o persa pede que seu escudeiro, Araspas, a vigie e cuide dela, enquanto ele se detém com seus assuntos militares (5.1.2-18); impressionado pela beleza da mulher, Araspas faz uma descrição do seu primeiro encontro com ela para o príncipe persa, o que leva a Ciro a recusar-se a contemplá-la. Inicia-se, então, um diálogo de teor filosófico entre os dois personagens em que Ciro defende a irresistibilidade de Eros, enquanto Araspas, que ri de seu líder, acredita que o amor é um sentimento voluntário, capaz de ser dominado pela vontade do ser-humano. A reação do líder surpreende seu escudeiro, que não consegue compreender o porquê de ele ter medo do amor, acreditando que o indivíduo é capaz de dominar os seus sentimentos. Ciro, de fato, mostra-se excessivamente cuidadoso a respeito do tema, indicando aquilo que, não apenas nessa fala, mas em outros momentos da narrativa da *Ciropedia*, parece estar em seu escopo de líder: o receio de que não conduzir com adequação suas funções e obrigações políticas e militares. Ciro coloca o amor como empecilho para a realização de suas obrigações e, para o príncipe persa, ser conquistado pelo amor significa abrir mão de conquistar os assírios. Parece, então, que em tempos de guerra, o amor é preciso ser deixado de lado. Ao menos é assim que pensa Ciro em seu discurso com Araspas para justificar a recusa

⁴ A narrativa a que chamamos *Conto de Panteia* aparece de forma intercalada à narrativa principal, tendo sido esta estratégia uma inovação na prosa antiga por Xenofonte. Cf. Stadter (1991).

do amor. Por temer o poder do amor e do erotismo, Ciro foge dele, recusa mesmo um contato distante com a tentação da beleza; por outro lado, com certa ironia trágica, Araspas é derrotado pelo amor justamente por subestimá-lo. Ao se aproximar da bela Panteia, contemplar-lhe diariamente a beleza e relacionar-se com os modos e comportamentos da princesa, por ela se apaixona, abdicando de um comportamento razoável ao ameaçar violentar a jovem. A recusa de Ciro, então, está intimamente ligada ao seu papel como líder do exército e sua participação na campanha militar; em outro época mais pacífica, talvez ele aceitasse o contato com Panteia. Porém, como o herói idealizado da *Ciropedia*, ele se coloca como alguém ciente de seu papel, cujos interesses pessoais devem ser sacrificados pelos interesses da comunidade, ou, para ser mais exato, de seu reino.

Em todo caso, como paradigma do autocontrole, ao recusar o amor, Ciro, personagem principal da *Ciropedia*, torna-se personagem secundária do *erótikos lógos*, com o conto focalizando no triângulo amoroso formado por três personagens Panteia, Abradatas e Araspas, personagens que, diferentemente de Ciro, são completamente ficcionais.

Os fragmentos do romance *Nino* (quatro papiros com algumas colunas, os primeiros sendo descobertos em 1893) revelam pouco da narrativa, porém nota-se que o foco, nessas passagens, é a relação amorosa do rei assírio com a princesa Semíramis, cujo nome, na verdade, não consta nos fragmentos. A partir da tradição acredita-se que a moça anônima do fragmento seja esta princesa, embora a figura feminina que aparece representada no romance se distancie muito daquela relatada pelos historiadores gregos e a da tradição judaica⁵ (Ruiz-Monteiro, 2003, p.42). As vidas de Nino e Semíramis foram relatadas na historiografia grega por Ctésias de Cnido e por Diodoro da Sicília – que faz um sumário da obra de Ctésias –, e eram, portanto, razoavelmente conhecidas do público grego. Em relação aos fragmentos do romance *Sesoncôsis*, quando o primeiro foi encontrado, acreditou-se pertencente a uma obra historiográfica. Escrita provavelmente no século I a.C., nesse fragmento (P.Oxy.2466), narra-se o combate dos egípcios contra os árabes, que segundo Diodoro da Sicília (I.53,5), foi a primeira expedição militar de *Sesoncôsis*⁶, herói histórico-lendário do Egito, rei de grande valor

⁵ Gual (1972, p.197-199) comenta a respeito da imagem de Semíramis na Antiguidade, bem diversa da apresentada no fragmento do romance *Nino*.

⁶ Do ponto de vista histórico, definir quem exatamente foi *Sesoncôsis* é um grande problema. Como seu nome é uma adaptação helênica de seu nome egípcio, há alguma confusão quanto à identificação desse personagem com o personagem histórico real. O estudioso russo Ladynin (2010, p.126) acredita que, na verdade, o nome seja a tradução grega da versão lídia para o nome egípcio. Além disso, essa versão do

militar que conquistou vários povos da Ásia e da Europa. Segundo Stephens e Winkler (1995, p.246), a vida desse rei, desde o século V a.C., tornou-se uma tópica na literatura grega, ao lado de Cambises, como modelos de grandes conquistadores militares. Pseudo-Calístenes, por exemplo, em sua biografia romanceada de Alexandre, chama o rei macedônio de “jovem Sesoncôsis”, por conta das dimensões de suas conquistas. São, portanto, dois personagens histórico-lendários que, como Ciro, eram famosos o suficiente para terem seus nomes conhecidos pelos leitores dos romances. É claro que, tal qual não conhecemos dados precisos de todos os personagens históricos de nosso país, não podemos imaginar que o leitor grego tivesse esses dados claramente em sua memória.

Quanto ao romance *Nino*, em um dos fragmentos mais bem conservados (Papiro A), Nino e Semíramis se encontram com suas futuras sogras, para lhes declarar o amor que sentem um pelo outro. No romance, os dois jovens são primos, informação que não figura na tradição historiográfica. No fragmento A.I-III, Nino faz um longo discurso para sua tia Derceia⁷, mãe de Semíramis, no qual ele se declara apaixonado pela prima. Analisando as poucas informações dadas pelos fragmentos a partir da chave de leitura de David Konstan, a simetria amorosa, tem alguns pontos interessantes. Nino, ainda que descrito como um jovem de dezessete anos, demonstra seu aspecto marcial, ao afirmar que já conquistou povos. Se se mostra inexperiente nos assuntos de *éros*, é já um jovem experimentado no campo de batalha, e, justamente esta experiência inicial é que faz seu desejo por querer se casar logo com sua prima, pois teme as vicissitudes da *Týche*. Nino assume, então, o papel ativo como móvel da concretização de sua paixão. Sua fala revela experiência e domínio retórico acima do esperado a um jovem. Ele se coloca como um mortal que está sujeito tanto às calamidades normais da vida (*hupeúthynos*),

nome não aparece antes do século IV na literatura grega, e Heródoto, no livro II.102, o chama de Sesostris, estabelecendo seu reinado como anterior à guerra de Troia e sucessor do rei mítico Proteu. É só na obra *História da Grécia* de Dicearco de Mesina, discípulo de Aristóteles, que ele passa a ser chamado de Sesoncôsis. No entanto, Dicearco estabelece seu reinado como posterior ao tempo dos heróis, fixando-o como o rei inaugurador da época histórica no Egito. Segundo Ladynin (2010, p.124), Mâneton, no século III a.C., escreveu uma história do Egito, e dizia que, na verdade, Sesoncôsis e Sesostris eram dois personagens distintos, sendo Sesoncôsis identificado com Senwoset I, rei fundador e organizador da sociedade egípcia, enquanto Sesostris seria Senwoset II, e este sim o grande conquistador egípcio, como referido por Heródoto. Ao que parece, para o estudioso russo, houve uma assimilação dos dois personagens históricos em uma única figura lendária, assimilação esta que já estava presente no texto de Dicearco (LADYNIN, 2010, p.125). É interessante que o resultado dessa assimilação é a criação de um rei que possui dois atributos importantes dos reis míticos: de um lado, é o rei fundador e organizador da sociedade, que institui leis e normas de conduta, e, de outro, o rei guerreiro, que protege e eleva, através das conquistas militares, o nome do seu povo.

⁷ O nome da mãe de Semíramis, Derceia, provém, provavelmente, da lenda que dizia que a princesa era filha da deusa Derceto.

ou seja, doenças e lances do acaso (*týchē*), quanto aos perigos das guerras e das viagens ao mar e que, portanto, não pode consentir que costumes o impeçam de viver sua grande paixão. Ele enfatiza, além disso, em todo seu discurso sua postura virtuosa para com a prima, por quem, apesar de ter grande paixão, sempre agiu corretamente, ressaltando, também, sua castidade.

Na sequência, o fragmento A.I apresenta a situação paralela em que a jovem Semíramis, definida pelo narrador como uma jovem modesta e privada de coragem, encontra-se com sua tia També, mãe de Nino, e, incapaz de dizer qualquer coisa, apenas chora. A descrição do narrador é interessante pois, segundo ele, embora tivesse sentimentos iguais (*en homoíois páthesin*) aos de Nino, não tinha eloquência comparável (*ouk hómoía parresía tón lógon*) a dele, pois, enquanto ele era um jovem educado e acostumado às situações públicas, ela, como era uma virgem que vivia restrita ao gineceu, aposento das mulheres, era incapaz de moldar seus argumentos com tal beleza. A jovem Semíramis adequa-se ao modelo dos romances antigos supracitados, pois, se a jovem é mais ativa diante de seus rivais, quando se trata da declaração amorosa, a heroína carece da mesma capacidade que o seu par masculino. Assim, tanto na fala de Nino, quando diz que sua relação com a prima não é vergonhosa, mas com o consentimento dela, como também na descrição que faz o narrador dos sentimentos de Semíramis, revelam a simetria do amor representado nos romances antigos.

Passemos, então, a analisar os fragmentos conhecidos do romance *Sesoncôsis*. No fragmento P.Oxy.3319 (publicado em 1980), encontramos o príncipe em um jardim, ao lado de um homem da sua corte, Pamounis, a quem declara que está apaixonado por uma moça que eles estão contemplando à distância, e que ele pretende revelar-se a ela: “Tomei o pai dela como vassalo, ele me concedeu em casamento a garota que você está vendo; e depois de ter dado a palavra de me casar com ela, parti para a guerra. Agora é necessário que revele a ela quem eu sou e talvez eu retome minha antiga posição⁸” A resposta de Pamounis a esta ideia do herói nos permite concluir que eles estão em algum lugar fora do Egito e a verdadeira identidade de *Sesoncôsis* é desconhecida naquele lugar. O cortesão sugere que ele mantenha o disfarce, para que não se coloque em risco a guerra, pois o rei já o havia subjugado anteriormente. A moça, que se chama Meameris, aproxima-se e demonstra também estar apaixonada por *Sesoncôsis*, embora

⁸ Tradução de minha autoria, a partir do texto estabelecido por Stephens e Winkler (1995, p.261). No original: δοῦλον εἴληφα [τὸν] ταύτης πατέρα, ἔκδοτόν μοι δίδωσιν ἦν ὄρας παῖδα, πιστωσάμενος δὲ αὐτὴν πρὸς γάμους ἐπὶ τοὺς πολέμους ὤρμησα δέον οὖν εστὶν ἐμφανισθῆναι αὐτῇ τίς [ε]ἰμι καὶ τυχόν ἀναλήψομαί μου τὴν παλαιὰν ἀξίαν.

desconheça a sua real identidade. O narrador, ao descrever a cena, diz que a jovem viu Sesoncôsis e sua alma sofria por causa disso (*epì touói ponésasa tèn psychèn*), indicando a simetria de sentimentos entre os jovens. Meameris também não para de lembrar na bela aparência do jovem (*tèn toû neanískou eueídeian*), acabando por revelar seus sentimentos a um dos companheiros de banquete.

Os fragmentos restantes pouco dizem a respeito do casal e focam na descrição de uma batalha. Chama-nos a atenção, no entanto, no fragmento comentado acima, que há, como na *Ciropedia*, uma espécie de oposição entre a possível satisfação do desejo erótico e a guerra, já que Pamounis pinta a jovem como um potencial perigo para o destino do príncipe. O desejo de Sesoncôsis o faz desejar revelar sua verdadeira identidade à sua prometida, o que, segundo o cortesão, o poria em risco. Não sabemos, infelizmente, qual a sequência da história e se o herói seguiu ou não os conselhos de Pamounis. Apesar do caráter fragmentário dos textos, Stephens e Winkler (1995, p.248) observam vários paralelos entre os romances de *Nino* e *Sesoncôsis*, pois além do fato de ambos tratarem de um herói oriental, eles narram (1) eventos da juventude dos príncipes, (2) a primeira aventura militar deles (Nino contra os armênios, Sesoncôsis contra os árabes), (3) paixão por uma garota que é interrompida por causa da ação militar. Além disso, as duas narrativas se aproveitam de um tema histórico-lendário, localizado no Oriente, para a fabulação do romance.

Assim, a situação entre os três personagens é similar, pois, além de serem personagens histórico-lendários, há a presença do amor em meio a um contexto bélico. Nino e Sesoncôsis, como *Ciro*, eram famosos na literatura e cultura grega como líderes e conquistadores, provenientes da Ásia, e é revelador que, nos fragmentos de romances da primeira fase do gênero, os autores tenham utilizado de elementos históricos-lendários para a composição da sua ficção. Todavia, no caso desses romances, a história é fabulada de acordo com os romances gregos, colocando como tema principal a história de amor. Desse modo, o material histórico-lendário é enquadrado no gênero romanescos, e as personagens foram adaptadas para serem transformadas em protagonistas de um conto amoroso. Se o romance grego apresenta jovens de caráter elevado, e idealizados, os personagens trazidos da tradição histórico-lendária também devem assim agir. Ao realizar tal adaptação, os heróis desses romances buscam conciliar o amor e a vida pública, colocando a guerra e a vida pública como empecilho para a felicidade amorosa, diferentemente do que ocorre na *Ciropedia*, em que *Ciro* coloca o amor como empecilho para a realização de suas obrigações.

Bibliografía

- Brandão, J. L. (2005). *A Invenção do Romance*. Brasília: Editora UNB.
- Cerdas, Emerson. (2011) *A Ciropedia de Xenofonte: um romance de formação na Antiguidade*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Gera, D. L. (1993) *Xenophon's Cyropaedia. Style, Genre, and Literary Technique*. New York: Oxford University Press.
- Goldhill, S. (2008). Genre. In: Whitmarsh, T (Org.). *The Cambridge companion to greek and roman novel*. Cambridge: University Press. p.185-200.
- Gual, C. G. (1972). *Las orígenes de la Novela*. Madrid: Ediciones Istmo.
- Hägg, T. (1991) *The Novel in Antiquity*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Holzberg, N. (2003). The Genre: Novels proper and the fringe. In: Schmeling, G. (Org). *The Ancient Novel. an introduction*. London and New York. Routelage. p.11-28.
- Konstan, D. (1994) *Sexual Symmetry: Love in the Ancient Novel and related genres*. Princeton: Princeton University Press.
- Ladynin, I. A. (2000) Sesostris-Sesonchosis-Sesoosis: The Image of the Great King of the Past and its connotations of the Lybian time in Egypt. *Cultural heritage of Egypt and Christian Orient*, nº5, pp.122-142.
- Lukács, G. (2011). *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo.
- Mendoza, J. (2002). Introducción. In: Cáriton. Jenofonte de Éfeso. *Quéreas y Calírooe; Efesíacas; Fragmentos novelescos*. Traducción de Julia Mendoza. Madrid: Gredos, vol.16.
- Ruiz-Monteiro, C. (2003). The Rise of the greek novel. In: Schmeling, G. (Ed). *The novel in the ancient world*. Boston: Brill Academic Publishers. pp.29-88.
- Stephens, S. A. y Winkler, J. J. (1995). *Ancient Greek Novels. The Fragments*. Princeton: Princeton University Press.
- Stadter, P. (1991). The ficcional narrative in the Cyropaedia. *American Journal of Philology*, 112, p.461-491.